

DIVERSIDADE BIOLÓGICA E CULTURAL NOS MANGUES DO RECIFE

MOISÉS MONTEIRO DE MELO NETO

Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2011). Atualmente é professor da UNEAL (Universidade Estadual de Alagoas) e da UPE (Universidade Estadual de Pernambuco). moises.melo@upe.br

JANAÍNA SIQUEIRA SANTOS SALES RIBEIRO

Graduada pelo Curso de Ciências Biológicas – Bacharelado Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e Especialista em Neuropsicopedagogia, Faculdade Metropolitana, São Paulo, janaboto@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

B iologia e arte se entrelaçam na base do Movimento Mangue. O Grande Recife, estuário, rios com água salobra, nas suas margens encontram-se os manguezais, comunidades de planos tropicais ou subtropicais inundadas, nos movimentos dos mares, na troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, em ecossistemas dos mais produtivos do mundo. Estima-se que duas mil espécies de microrganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associadas à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem dos alagadiços costeiros. Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas os mangues são tidos como os símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza.

Manguetown - A cidade: A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada, é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex) cidade “maurícia” passou a crescer desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e destruição dos manguezais. [...] Em meados de 91, começou a ser articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de ideias pop. O objetivo é engendrar um “circuito energético”, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues à rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo, uma antena parabólica enfiada na lama. ((trecho do *manifesto* do Manguebeat: *Caranguejos com Cérebro*. Mangue - O conceito, por Fred Zeroquatro, em release enviado à imprensa no início dos anos 90 e no encarte do primeiro CD de Chico com a Nação Zumbi (CSNZ,1994).

Os mocambos abrigam restos humanos em metamorfose e logo serão parte da “andada” do eu-lírico homem/caranguejo; e as pontes do Recife surgem como metáfora do hibridismo. Vejamos um exemplo nesta letra de Science, *Antene-se*, do CD *Da Lama ao Caos*:

É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo / Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos / Entulhados à beira do Capibaribe / Na quarta pior cidade do mundo / Recife, cidade do mangue / Incrustada na lama dos manguezais / Onde estão os homens-caranguejos / Minha

corda costuma sair de andada / No meio da rua em cima das pontes / Procurando antenar boas vibrações / Procurando antenar boa diversão / Sou, sou, sou, sou manguelito! / Recife, cidade do mangue / Onde a lama é insurreição [...] É só equilibrar sua cabeça em cima do corpo / Procure antenar boas vibrações / Procure antenar boa diversão (CSNZ, 1994).

Como vemos na letra acima, Chico lançava uma visão positiva (“boas vibrações”) por sobre o caos da cidade (“quarta pior cidade do mundo”), em busca de uma nova ética, que exigia reorganização. Em “uma cabeça equilibrada em cima dos ombros [...] onde a lama é a insurreição”, o poeta enxerga a cidade a partir do mocambo e propõe uma articulação, um referencial poético novo no sistema do consumo cultural, tão voltado para os produtos do eixo Rio–São Paulo/EUA.

Chico fundiu simbolismo e naturalismo (“Eu vi, eu vi, a minha boneca vodu” - *em Cidadão do Mundo*, ou ainda: “Recife cidade do mangue / Incrustada na lama dos manguezais / Onde estão os homens-caranguejo”, em *Antene-se*). Em vida, ele lançou apenas dois CDs: *Da Lama Ao Caos* (1994) e *Afrociberdelia* (1996), ambos com boa recepção no Brasil e no exterior. Juntou gêneros típicos de Pernambuco: coco, caboclinho, canção praieira e, claro, maracatu e ciranda, mixando-os ao rap, funk e rock; a palavra diversidade, um termo que explica inclusive, o porquê da escolha de *Mangue* como rótulo/ marca para a cena. É a riqueza biológica dos manguezais que vai servir como metáfora para essa música que se pretendia livre, solta e diversificada.

Chico leu o romance *Homens e Caranguejos*, de Josué de Castro, que trata de uma grande comunidade nos mangues de Afogados, bairro do Recife. Ele ultrapassou o brilho do lugar comum e derrubou preconceitos, transformou o cotidiano dos *mangues* em obra de arte. Citado nas letras de Science e em depoimentos que o poeta registrou na mídia, o cientista e professor Josué de Castro, recifense morto em 1973, é o autor do romance *Homens e Caranguejos* (1966), que foi lido por Chico com avidez enquanto ele formulava o conceito Mangue. Esse romance descreve o cotidiano de uma comunidade erguida num manguezal do bairro de Afogados, Recife na primeira metade do século XX. São pescadores de caranguejos, pessoas que tiram do mangue seu sustento. Suas casas construídas com o massapé, madeira e palha do local, e sua principal alimentação, os caranguejos. Até as crianças eram criadas tomando mingau

feito com o caldo (o “leite da lama”) desses bichos, que “fervilhavam” nas margens do Capibaribe.

Seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejos. Seres anfíbios – habitantes da terra e da água, meio homem e meio bichos [...] parados como os caranguejos na beira da água ou caminhando para trás como caminham os caranguejos [...] habitantes dos mangues [...] dificilmente conseguiriam sair do ciclo do caranguejo, a não ser soltando para a morte e, assim, afundando-se para sempre dentro da lama [...] essa fossa pantanosa onde aguarda o Recife (CASTRO, 2001, p. 10-11).

Dentro desse contexto, apresentamos uma prática pedagógica onde foram desenvolvidas ações trabalhando a percepção ambiental e cultural dos discentes acerca dos manguezais, um celeiro de rica diversidade.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Este relato de experiência foi vivenciado numa comunidade escolar da rede privada de ensino, localizada em Jaboatão dos Guararapes/PE. O relato envolve uma oficina em educação ambiental, trabalhada com alunos do ensino fundamental anos finais, onde os mesmos foram sensibilizados a perceberem os manguezais como esse celeiro da biodiversidade e cultural. A partir de uma releitura da obra de Chico Science e do movimento mangubeat.

Uma aprendizagem significativa em Ciências da Natureza não deve se restringir ao cunho biológico dos problemas ambientais, mas expandir as abordagens para aspectos artístico-culturais e político-econômicos trabalhados, enfatizando conexões e articulações entre ciências naturais e sociais. Na oficina os alunos tiveram a oportunidade de conhecer os manguezais, toda sua diversidade biológica e cultural, através de apresentações construídas por eles no Jamboard, vídeos, apresentações fotográficas e esquetes teatrais. As turmas foram divididas em grupos de trabalho no início da oficina e foi realizada uma apresentação sobre o movimento Mangubeat e, em seguida, a proposta de construção de um produto final da oficina onde cada grupo escolheu o formato.

Conscientizar para conservação dos ecossistemas não necessariamente deve implicar na valorização da experiência. É necessário para o processo educativo não só a aquisição de informações, mas também uma

aprendizagem ativa, que leve à construção de novos valores. Aqui o papel do educador é de articulador do conhecimento. Embora haja uma ligação direta dos manguezais com a qualidade do ambiente e com a economia costeira, o conhecimento sobre este ecossistema é pouco difundido. Por este e outros motivos, os manguezais sofrem intensamente com as atividades antrópicas (SCHAEFFER-NOVELLI, 1989).

3. RESULTADOS

O uso de metodologias ativas onde o discente seja um protagonista de sua aprendizagem, associado às inúmeras possibilidades da tecnologia tem sido frequente nas práticas pedagógicas atuais. Uma intervenção artística a partir de esquetes, fotografias e edições de vídeos dá aos estudantes uma percepção diferente de conhecimento e permite abertura a novos modos de expor suas interpretações. Todo o conhecimento humano é gerado a partir de sua percepção de mundo, não há educação sem que haja encontro com as realidades valiosas, com o mundo que inspira, na natureza humana, razão, imaginação e emoção. proporcionando uma visão mais sensível e holística.

A conscientização não depende exclusivamente da fluência de conteúdos, mas também está relacionada à valorização das expressões de vivências pessoais, envolvendo a riqueza cultural do movimento manguebeat, associada à importância biológica, social e humana dos manguezais, berçários dos mares e sustento de muitas comunidades ribeirinhas. Os produtos finais dos alunos comprovaram as conexões feitas por eles entre essas vivências pessoais e os conceitos ecológicos em ações de educação ambiental. Os trabalhos desenvolvidos na oficina valorizaram a expressão dos educandos na construção de significados plenos sobre os assuntos abordados, aproximando as realidades e traduzindo relações sociais, culturais e biológicas envolvidas no processo.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

MELO NETO, Moisés Monteiro. **Chico Science: A rapsódia afroiberdelica**. Recife: Editora Comunicarte, 2000.

SCHAEFFER-NOVELLI, Y. **Perfil dos ecossistemas litorâneos brasileiros, com especial ênfase sobre o ecossistema manguezal.** São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, 16p., 1989.

GRAVAÇÕES EM COMPACT DISC

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **Da Lama ao Caos.** Rio de Janeiro: Sony Music, 1994. 1 disco laser. Gravação de som.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **Afrociberdelia.** Rio de Janeiro: Sony Music, 1996. 1 disco laser. Gravação de som.